

Repercussões sócio-econômicas do COVID-19

Roberto Teixeira da Costa

Nos momentos de quarentena tenho me isolado numa Fazenda no interior de São Paulo, refletindo sobre o que nos espera em consequência do COVID-19.

Fazer previsões nunca foi um exercício fácil e, particularmente no momento atual, torna-se bem mais difícil do que nunca, tendo em vista o ineditismo da crise gerada pelo novo coronavírus. As crises financeiras do passado nada tem a ver com o que estamos vivendo, e não creio que sirvam de referência. A crise mais próxima foi a II Guerra Mundial, muito embora com características bem distintas.

Como sou de 1934, ainda vivi alguns episódios daquele conflito no Rio de Janeiro, onde morava. Tenho uma vaga lembrança do meu pai com o ouvido grudado no rádio e sintonizado na BBC para acompanhar o desenrolar da guerra e os avanços dos aliados, Morávamos na Av. Epitácio Pessoa, e ficou gravado em minha memória o *blackout* com o temor que os alemães nos atingissem e também os cuidados que deveríamos tomar se o pior acontecesse.

Lembro-me que na Praça N. Sra. Da Paz, que ficava a alguns quarteirões de onde morávamos, haviam postos para recolhimento de doações de toda natureza para colaborar no esforço de guerra. Também, com meus pais fui à cidade para receber os nossos pracinhas de volta de sua bem sucedida participação na Itália e sua atuação em Monte Castelo.

Mas estamos aqui para falar do futuro. Creio que foi John Keneth Galbraith que registrou que os economistas fazem previsões, não porque sabem, mas porque são perguntados. No Brasil, todos economistas têm, regra geral, se equivocado bastante.

Quando virarmos a página da pandemia, o que nos espera pela frente? Temos opiniões divididas: os pessimistas acreditam que nada irá mudar e que tudo voltará ao que era antes, e que os comportamentos sociais, culturais, econômicos e financeiros praticamente não irão se alterar. Em resumo, como dizia o dito popular: "Tudo como antes no quadro de Abrantes".

Faço parte do grupo majoritário que acredita que vamos passar por sensíveis mudanças no tecido social, no campo interno e em nossas relações com o exterior. O grande industrial Roberto Simonsen, um dos fundadores da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (FIESP), dizia: "Otimismo é esperar pelo melhor. Confiança é saber lidar com o pior."

Nesse espaço, que nos foi oferecido, vamos registrar alguns aspectos que ao longo dos 3 últimos meses refletimos.

INTERNAMENTE

Creio que nossos hábitos de consumo serão alterados por razões econômicas, e também comportamentais. Com a perda do poder aquisitivo e o desemprego, seremos mais prudentes no consumo, evitando desperdícios. Mesmo para os grupos de maior renda, creio que gastos perdulários serão controlados. Lembro também que com a sensível diminuição dos ganhos no mercado financeiro

(taxas de juros estão quase próximas a rendimentos negativos) podemos ter o chamado “efeito pobreza”, ou seja, não gastar ou se endividar para consumos ostensivos.

As experiências recentes de países que iniciaram um processo de abertura gradual pós coronavírus, indicam um comportamento conservador em seus hábitos de consumo e mesmo a circulação em suas respectivas cidades. Existe também o temor de uma segunda onda de contaminação viral.

A preocupação com a saúde certamente irá ampliar-se, seja no plano individual ou coletivo.

“Com saúde não se brinca” já dizia aquele refrão popular. Apesar do grande trabalho feito pelo SUS, foram constatadas deficiências em nosso sistema público de saúde que ficaram transparentes, e terão que ser priorizados pelos políticos e pelo governo. As lacunas ficaram evidentes e terão que ser atacadas. Também, médicos de todas as especialidades serão prestigiados, assim como enfermeiros, e atendentes, enfim, todos aqueles ligados ao sistema de atendimento público. A ciência médica será valorizada.

Conseqüentemente, isso nos leva à questão da urbanização. É preciso dar um tratamento prioritário às favelas, oferecendo condições de habitação civilizadas, inclusive com saneamento e segurança. Em resumo: Planejamento Urbano.

A telemedicina ganhará maior espaço, evitando deslocamentos para ir a médicos e hospitais.

Ficou evidente que não é mais possível a convivência com as gritantes deficiências do saneamento básico e de fornecimento de água encanada. É de se esperar o atual governo, e os que vierem a sucedê-lo, que essa questão seja vista como prioridade básica e política do Estado.

Um registro negativo: com renúncia do Ministro da Saúde Nelson Teich em 14/5, nos últimos 20 anos o Brasil teve a troca de 13 Ministros da Saúde.

RESPONSABILIDADE SOCIAL

Outro tema que aflorou durante a crise e seu impacto devastador sobre os grupos de menor poder aquisitivo, diz respeito a questão da renda mínima. Defendida há muitos anos pelo Senador Suplicy, agora tem apoio mais universal, inclusive de alguns países escandinavos e por renomados economistas como o Prof. Keneth Rogoff da Universidade de Harvard, em entrevista ao O Globo em 5/4/20, quando se declarou totalmente a favor dessa política, dependendo obviamente dos países com condições necessárias. Transferências de renda para ajudar os pobres era ideia defendida por economistas como Milton Friedman e James Tobin, ambos ganhadores de Prêmio Nobel. Em meados de maio, começaram a circular informações sobre a manutenção do auxílio de R\$ 600,00 estabelecido pelo governo para os grupos de menor renda, para ser estendido além do prazo inicialmente fixado.

TRABALHO REMOTO

Ainda sobre a vida nas grandes cidades, o impacto do trabalho remoto, que já vinha mostrando sensível elevação, a crise obrigou muitas empresas a majoritariamente transferirem seus funcionários para operar em suas residências., e não houve perda de eficiência, e até ao contrário. Portanto, como possíveis conseqüências que podemos listar:

- Diminuição dos deslocamentos de pessoas, melhorando a mobilidade urbana;
- Queda do valor dos alugueres em espaços privilegiados que concentram grandes empresas em São Paulo;
- Os restaurantes que funcionam próximos a empresas/escritórios perderam parte de sua clientela durante o almoço;
- As residências deverão ter um espaço dedicado especificamente ao home office

Do ponto de vista macroeconômico, há uma preocupação do aprofundamento de uma situação de pobreza nos países de menor renda. Certamente, será fundamental a maior solidariedade dos países mais ricos e do apoio de instituições financeiras multilaterais como o Banco de Desenvolvimento, Banco Mundial, FMI, etc. Cito a fala do Presidente Macron, que em entrevista em 19 de abril fez um ato de “mea culpa”, reconhecendo as falhas do governo no enfrentamento da crise e prometendo uma reinvenção de si mesmo, pregando uma refundação da França.

ESCOLA DE NEGÓCIOS E EDUCAÇÃO

Ponto para reflexão é como respeitadas escolas de negócio no Brasil, e no mundo, irão ajustar-se a um novo ambiente, e como seus currículos se adaptarão ao novo mundo pós coronavirus. Obviamente, o mesmo se aplicará a educação em geral, particularmente a superior. Creio que o ensino a distância terá que ser aprimorado, inclusive com a melhoria da conectividade dos professores. Em cada 10 profissionais 8 não estão preparados.

Também seria interessante identificar oportunidades que esse processo de mudanças irá provocar. Esses ajustes a uma nova realidade obrigarão a todos a inovações do processo educacional no campo dos executivos.

EXTERNAMENTE

O que vimos nos Estados Unidos, Reino Unido, Espanha, Rússia, e porque não dizer em nosso país, mostraram grandes falhas na condução do combate a pandemia.

Olhando o cenário internacional, também podemos constatar as incertezas e dificuldades de prognosticar as mudanças mais possíveis.

Começamos pelo mais óbvio, a crise global do novo coronavirus, exigirá cooperação global! Não é o que estamos assistindo. Não houve nenhuma indicação de um diálogo frutífero para encontrar posições em comum, O caso das vacinas é bem demonstrativo, e os países com seus laboratórios, em sua maior parte do setor privado, buscando sair na frente!

O multilateralismo também foi colocado de lado. A Organização Mundial de Saúde (OMS), por exemplo, prestigiado pela maioria, sofreu um forte ataque dos Estados Unidos que alegou que demoraram a fazer o comunicado da pandemia. Trump os acusou de privilegiar os chineses, fato nunca comprovado. Informou que iriam suspender a sua contribuição aquela instituição. O Estadão mencionou que, a corrida pela vacina tem 100 candidatos e 8 mais adiantados.

Em reunião havida na assembleia da Organização Mundial da Saúde o presidente da China, Xi Jinping, declarou estar disposto a conceder um apoio de US\$ 2 bi, por dois anos, para auxiliar os países menos favorecidos visando ajudar o combate a pandemia e as consequência econômicas.

A OMC vem sendo marginalizada, o que já vinha acontecendo antes mesmo da pandemia, com críticas dos Estados Unidos, que não a vem respeitando. Em 13 de maio, o Diretor Geral da OMC, o brasileiro Roberto Azevedo, anunciou que irá abandonar seu posto, um ano antes do término do seu mandato. A globalização, como consequência de tudo que vem ocorrendo, para muitos acabou.

Fala-se em desglobalização, sem definir exatamente de que se trata. O fato inequívoco é que as chamadas cadeias de suprimentos sofrerão forte impacto.

O alto grau de dependência de suprimentos para alguns países, do fornecimento de insumos chineses a custo mais baixos que abastecem a produção em outros países, terá de ser repensado.

No caso de suprimentos para a indústria hospitalar, talvez o caso mais emblemático, a forte dependência da China criou situação de dificuldade para seus compradores, inclusive com atrasos e cancelamentos no fornecimento dos produtos que deixaram os países dependentes de seus produtos em situação de grande dificuldade.

Assim, muitos países vão estimular o desenvolvimento de produtores locais para certos insumos, que por uma questão de escala de produção, provocará um aumento de custos.

O corolário de todo esse processo e seus desdobramentos, e ainda mirando o campo internacional, terá forte repercussão sobre nosso país, como também a hegemonia mundial com a disputa aberta entre Estados Unidos e China. As duas grandes potências criaram uma disputa comercial que teve período de trégua, mas que está muito longe de uma paz duradoura. “O ‘establisment’ norte americano, mais notoriamente o partido republicano, não esconde seu dissabor com os chineses e, inclusive, de terem disseminado o novo vírus do corona e retardado sua divulgação. O partido democrata também não demonstra uma atitude simpática e conciliadora em relação aos chineses.

Com isso, a opinião pública norte americana, estimulada por um viés nacionalista do Presidente Trump (*America First*), não tem demonstrado uma posição antichinesa ou mesmo anti asiática.

No que se refere ao Brasil, o Presidente Trump, em 19 de maio, declarou cogitar a suspensão de vôos do Brasil aos Estados Unidos alegando não querer que as pessoas venham e infectem povo americano.

Essa situação conflituosa entre os dois países pode criar situações politicamente complicadas para o governo brasileiro, que na gestão atual tem se posicionado declaradamente pró Estados Unidos, proclamando uma parceria e uma amizade muito questionada entre os dois presidentes.

O Ministro das Relações Exteriores chegou a afirmar que os chineses são responsáveis pela disseminação do vírus, e inclusive, em pronunciamento escrito, tratou de ‘comunacoronavirus’.

Para o nosso país, é uma situação de grande preocupação, tendo em vista a forte dependência dos chineses para nossas exportações de commodities agrícolas e minerais, além de sua importância como investidor em infraestrutura. Aliás, nos primeiros 4 meses o Brasil, foi o único país entre os participantes

da OECD que teve saldo positivo na balança comercial. A exportação de commodities para os chineses, e queda da importação, foram fatores determinantes.

Portanto, o Brasil tem que manter uma política de convívio amigável com os dois países, e não tomar partido.

VIAGENS INTERNACIONAIS E TURISMO

Ainda sobre a questão internacional, vale registrar que as viagens internacionais sofreram efeito devastador e o turismo foi fortemente afetado com o *lockdown* em grandes cidades, com barreiras fechadas em muitos países e as companhias aéreas de todo mundo, muitas em situação de insolvência.

No caso brasileiro, com o encarecimento do dólar, não indica que essa situação possa se reverter no médio-curto prazo. Assim, poderemos ter maior estímulo ao turismo interno, devido não só ao aumento de custos previstos para passagens aéreas, como da maior complexidade para o embarque e desembarque de passageiros.

MIGRAÇÃO

Uma palavra sobre a questão migratória. Temos duas possíveis consequências:

- Brasileiros no exterior querendo regressar ao seu país devido ao desemprego ou certa hostilidade pelos estrangeiros em alguns países, que nos olham como roubando seus empregos.
- Outra consequência é que os imigrantes que já vinham sofrendo grandes dificuldades na busca de alternativas em diferentes países, estão se deparando com barreiras cada vez mais severas e nenhuma abertura, como é o caso dos Estados Unidos que, inclusive, fechou a concessão dos chamados 'greencards' durante 2 meses. O Brasil, que vinha recebendo grande número de imigrantes venezuelanos, fechou sua fronteira de Roraima, como quase todos países de nossa região o fizeram.

Outro desdobramento é a perda de renda de muitas famílias em diferentes partes do mundo, dependentes das remessas de expatriados que trabalham em países desenvolvidos.

PARTICIPAÇÃO DO ESTADO

No contexto da crise está sendo necessária uma grande presença do Estado para que algumas empresas, sejam pequenas ou médias, sobrevivessem, como também disponibilizando recursos para os grupos de menor renda, trabalhadores informais e desempregados, poderem sobreviver durante a quase total paralisação da atividade econômica.

Mesmo admitindo que gradualmente os países menos afetados permitirão o reinício das atividades do comércio e indústrias, alguns empregos perdidos dificilmente serão recuperados no médio-prazo.

Certamente, a retomada do crescimento e saída de uma recessão que afetou todos os países irá tomar um tempo que no momento é difícil precisar, mas que não será rápida.

Não devemos também esquecer que a questão do emprego, particularmente nas empresas onde as mudanças que vem ocorrendo com a IV Revolução Industrial, obrigam a uma reciclagem da mão de obra não especializada.

Assim, toda política que vinha sendo defendida de privatização e menos participação do Estado será impactada.

ECONOMIA MUNDIAL E NACIONAL

As primeiras projeções quanto ao impacto na economia mundial são devastadoras. Mesmo a China, que vinha apresentando altas taxas de crescimento determinante para que muitos países exportadores de seus produtos, sofrerá forte impacto. O primeiro trimestre na cidade de Wuhan, onde a pandemia teve maior impacto e fez o *lockdown*, caracterizada como cidade industrial, não escapou da queda sensível no seu crescimento. A OMC, projeta uma queda do comércio mundial que poderá chegar a 32%. No Estados Unidos, o desemprego já superou 5 vezes a taxa anterior e uma recessão projetada maior do que a crise de 1929.

Apesar de nossa pequena participação no comércio mundial, não escaparemos do impacto, principalmente pelo fato da China ter papel fundamental no nosso comércio. Ainda assim, no 1º quadrimestre, como comentamos, tivemos saldo positivo na balança comercial.

No nosso mercado interno, a situação é muito grave pois observamos uma queda substancial do consumo pelo fechamento do comércio em geral, perda do poder aquisitivo e desemprego. As projeções na queda do PIB são superiores a 5%. Alguns setores, como supermercados, farmácias e padarias, entre outras de venda. A indústria automobilística foi fortemente afetada e tivemos sensível queda no tráfego urbano. Como consequência, o setor de locação de automóveis, vem sofrendo sensível queda.

Não se acredita que haja alguma reação sensível no ano em curso, e uma hipótese mais otimista é que uma estabilização somente seria prevista para 2021. Portanto, a reação será lenta e diferenciada por setores de atividade. Mais adiante, quando o pior já tiver sido superado e seus efeitos sociais mitigados, teremos que iniciar um programa de reequilíbrio financeiro destinado ao equacionamento da parte fiscal, fortemente impactado pelos programas de governos federal, estadual e municipal.

A desvalorização de nossa moeda nos primeiros meses do ano, a maior entre os países em desenvolvimento, não encontra explicações plausíveis fora do aspecto político e na atuação da Presidência, que impactará fortemente todas empresas que tinham empréstimos em dólar.

MERCADO DE CAPITAIS

Quanto ao mercado de capitais, a queda da taxa de juros, que se projeta pode chegar a 2,5% a.a., associado a uma substancial queda no valor do real, criando condições para que os detentores de poupança abandonassem o mercado de dívida pública (que durante muitos anos foi o nirvana para os aplicadores), títulos de dívida privada e fundos que se concentraram nesses papéis e busquem aplicações alternativas. A Bolsa de Valores (B3), que em 2019 já tinha sido favorecida por um substancial fluxo de investidores individuais, apesar dos ajustes que o preço das ações sofreram com o efeito da pandemia, ainda assim tem demonstrado certa resiliência. Desde janeiro até abril, 558 mil CPFs entraram com ações, fundos imobiliários ou fundos de índices (ETFs).

Alguns setores da atividade, como indicado anteriormente, tem se beneficiado, mas é preciso muita cautela, pois os demonstrativos financeiros que serão divulgados, apresentarão um cenário caracterizado principalmente pela perda de rentabilidade, queda na liquidez, e mesmo *impairment*, ou seja, fechamento de linhas de produção que se mostraram não competitivas ou dispensáveis diante do novo cenário do mercado.

Também poderá haver maior procura por novos instrumentos financeiros, como aconteceu no ano passado, com os fundos imobiliários que tiveram grande procura e sofreram no início do ano. Convém analisar em quais ativos imobiliários estão ou vão investir, pois alguns deles terão seus problemas de encontrar locadores ou comercialização.

Precisamos nos acostumar a uma nova realidade de rendimentos que não irão reproduzir ganhos de renda fixa com os quais convivemos num passado.

Quais os novos desafios que vão se apresentar para as empresas, como por exemplo, a questão do *stakeholder capitalism* (tratamento das minorias e dos cidadãos) que já estava na ordem do dia e estará associado ao problema de diminuição das desigualdades percebidas em diferentes países do mundo, inclusive no nosso, onde as diferenças de renda vem se agravando.

Número exemplificativo é que 10% da nossa população detinha 40% da renda total nacional. Tal concentração, além dos severos problemas sociais dela derivados, se não tiverem melhor distribuição da renda nacional, o consumo não crescerá. Os problemas sociais ficaram mais evidentes com o Covid-19 e não poderão ser ignorados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Espero que tenha conseguido transmitir o que registrei nesse primeiro quadrimestre sobre as consequências do novo coronavírus em nossa sociedade e suas possíveis consequências sobre a economia mundial.

Estou convictamente situado no grupo que acredita em sensíveis mudanças nos próximos meses, e anos, em nosso cotidiano e nossas relações com o resto do mundo.

Ao longo do texto procurei demonstrar que no caso brasileiro o COVID-19 apontou com muita clareza nossas fraquezas, deficiências e as oportunidades que se abrirão para fazer as correções e definir um novo roteiro para que possamos tomar as providências e por em prática medidas de caráter econômico, político e social para o nosso desenvolvimento.

Difícil imaginar que essa virada aconteça no curso dos próximos 2 anos, o que nos remete às eleições de 2022, onde precisaremos escolher um Estadista que possa liderar nosso país nessa nova etapa de vida republicana.

No início desse texto fiz referência a minha experiência quanto ao retorno dos pracinhas de nossas forças aéreas pelo sucesso alcançado na II Guerra Mundial e seu desfile na Av. Rio Branco. Agora estamos vivendo uma outra guerra com um inimigo invisível que é o COVID-19.

Temos um contingente expressivo de militares de alta patente na governança do nosso país nessa difícil fase que estamos atravessando. Esperamos que ao seu final possamos saúda-los pela sua contribuição na vitória dessa pandemia.

Lembro aqui de um pensamento dos parisienses durante as manifestações de 1968: “Não basta mudar de vida. É importante mudar a vida”.